

DEZ ANTIGAS NOTÍCIAS DO FOLCLORE DE SÃO JOÃO DEL-REI ¹

(grata e atenciosamente dedico aos mestres folcloristas Affonso Furtado, Domingos Diniz, Roberto Benjamim, Jadir de Moraes Pessoa e José Carlos Rossato – com respeito e admiração)

Ulisses Passarelli

Entende-se que folclore sempre existiu, mas só recentemente passou a ser estudado, pela folclorística, ramo das ciências humanas. Em 1846 surge a palavra inglesa “folk-lore” (saber do povo) – por Willian John Thoms – para designar a Cultura Popular.

No Brasil os estudos tomaram impulso com Sílvio Romero – o Pai da Folclorística Brasileira – na década de 1880. Mas foi somente nas primeiras décadas do século seguinte que as pesquisas realmente engrenaram, com destaque para Mário de Andrade, Joaquim Ribeiro, Amadeu Amaral e a seguir, Luís da Câmara Cascudo, dentre outros mestres. Só se tornaram de fato freqüentes a partir dos anos quarenta.

Fica claro portanto, que encontrar documentos e referências, acerca do folclore do começo do século XX e anos anteriores é difícil. Não se trata de raridade das suas manifestações culturais naquela época, mas sim de falta de interesse por elas. Por isto os folcloristas sabem da importância das velhas menções.

Este texto reúne antigas notícias, acerca da Folia de Reis, Pastorinhas, Cavalhada, Queima do Judas e Zé Pereira, colhidas em antigos jornais de São João del-Rei / MG, procedentes do arquivo do IPHAN e da Biblioteca Pública Municipal “Batista Caetano de Almeida”, e ainda um ABC e uma oração, de folha impressa avulsa, do século XIX, conservada por moradores do Bairro de Matosinhos.

Eis as transcrições, seguidas de breves comentários. Foi respeitada a ortografia original.

01- ABC DO SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS –1869

1 - *In*: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, n. 11, 2005.

*Amoroso Bom Jesus,
Venho aqui vos visitar;
O prazer que se me offerece
Eu não vos posso explicar.*

*Immaculado Cordeiro,
Immolado à salvação
Dos humanos peccadores,
Tem de mim dó,
compaixão!*

*Que exemplo fizeste a quem
O Rosario abandonou!...
Uma cobra do pescoço
De Maria, Jesus tirou!*

*Bem me custa vir vos ver,
N'esse throno assim atado!...
Bom Jesus tantos tormentos
Por causa do meu peccado.*

*Já tenho de mim tristeza
No meio desta alegria;
Bom Jesus, vossa
lembrança,
Vae na minha companhia.*

*Resplandece vossa Igreja
Com ternura e alegria,
Bom Jesus crucificado,
Filho da Virgem Maria.*

*Como não hei de sentir
Grande dor no coração?...
Por vossa misericórdia
Bom Jesus, dai-me perdão*

*Kalendário vou contar
De dias de terna ausencia,
Deste templo, deste altar,
Q'habitaes
complacencia!*

*Só vós vieste ao mundo
Para remir o peccador;
Bom Jesus de misericórdia
Por vosso divino amor.*

*Divino meu Bom Jesus,
Divina consolação!
Por vossa misericórdia
Livrai-me de tentação.*

*Lembrar-me-ei eu de vós
Em qualquer longas
alturas;
Bom Jesus de piedade,
Remedio das creaturas!*

*Todos pedimos perdão,
De nosso grande peccado,
Por vossa misericórdia,
Bom Jesus crucificado.*

*Eu sou um romeiro vosso,
Que a vós venho em romaria;
Peço-vos, meu Bom Jesus
Que andeis sempre em minha
guia!*

*Mas eu tenho uma
esperança,
De outro prazer alcançar...
Bom Jesus favorecei-me
Que eu espero cá voltar...*

*Uni-nos ao vosso peito,
Pela lança traspassado,
Para que por vosso amor
Nos livremos do peccado.*

*Faltou minha retentiva,
Mas quero a continuar.
Com vossa divina luz,
Para me allumiar.*

*Nem por isso vos custou
Como a mim mal parecia
O Bom Jesus me ajudou,
Venho em sua companhia*

*Vos acharam lá na praia,
Vos lavaram em agua pura
Bom Jesus de piedade
Remedio da creatura.*

*Guiae-me por bom caminho,
Bom Jesus de compaixão...
Por vossa misericórdia,
Livrai-me de tentação!*

*Oh! Quantos milagres vejo
Que não se pode contar!
Bom Jesus vosso remedio
A todos pode curar!*

*Xacoco, chego a vós
Com meu coração rendido
Bom Jesus me perdoai
Quando vos tenho offendido.*

*Hoje... aqui já imagino...
Qual a tua imaginação!
Bom Jesus quando me fôr
A triste separação!*

*Por muitos que aqui vejo
Outros que já não existe...
Menino em taxo a ferver
Bom Jesus lhe acudiste.*

*Ynclito é o vosso nome...
Emquanto o mundo viver
Bom Jesus allumiai-me
Para nunca vos offender.*

*Zenbyros brandos e brisas,
Auras placidas e aragem,
Nos mandai as nossas velas
Para virmos de romagem.*

*~ é a ultima letra,
Vai pedindo clara Luz!
Bom Jesus allumiai-me,
Para sempre... amem Jesus.*

Comentários:

O ABC é um gênero literário raro no folclore atual. Cada estrofe se inicia, por ordem, por uma letra do alfabeto, fazendo narrativa e registrando ação, esclarece Luís da Câmara Cascudo ².

Indicam a antigüidade deste ABC do Bom Jesus de Matosinhos a composição em quadras (os mais recentes são em sextilhas); a presença das letras “K” e “Y”, excluídas do nosso alfabeto – seu uso atual é restrito e foi regulamentado pela reforma ortográfica de 1943; a presença do “til”, após o “Z”, que nos abecês tradicionais é considerado “a letra do fim” ou “a última letra”, embora seja acento e não letra. A grafia também atesta sua idade. Notar ausência da letra “W”.

Este exemplar é especialmente importante por invocar uma devoção rara no país e no mundo (Brasil, Portugal, Espanha, Itália e Síria), também chamado Bom Jesus de Bouças, nome de um convento português, perto da cidade de Matosinhos (local em que foi encontrada a imagem na beira-mar), donde se irradiou a devoção para nós. Notar que a quadra correspondente à letra “V” evoca o encontro da imagem na praia (dita do Espinheiro). Embora a invocação “de Matosinhos” não esteja expressada nos versos, está clara e nítida no título que encabeça o abecê. É orago do santuário do bairro de Matosinhos, em São João del-Rei.

Inicia-se com a seguinte quadra, à guisa de apresentação: “AB e C quero escrever / Em louvor ao Bom Jesus; / Bom Jesus allumiae-me / Com vossa divina luz.”

A estrofe da letra “Q” também se destaca por exprimir a devoção ao Rosário com intensidade e curiosamente conjugada ao Bom Jesus de Matosinhos. Chamo ainda a atenção para as letras “O” e “P” que se referem aos ex-votos, oferendas comprobatórias de uma graça alcançada, num ato de gratidão, expostas na “Sala dos Milagres”, anexa à igreja. Neste caso cita um menino que caiu num tacho com fervura e se salvou.

Este documento encontra-se impresso numa meia folha, disposto em duas colunas, tendo as letras iniciais capituladas e em negrito. A outra metade da folha está ocupada pela oração que abaixo transcrevo. Nele vem tipograficamente escrito que houve aprovação do bispo Antônio (D. Antônio Ferreira Viçoso, 7º bispo de Mariana), a 6 de julho de 1869, que concedeu licença para a impressão. ³

Está claro na forma de composição dos versos que se trata de trabalho semi-erudito, que contudo se popularizou, ou melhor, folclorizou-se. Foi conservado até os dias atuais entre antigos moradores do Bairro de Matosinhos, da cidade de São João del-Rei, onde existe o santuário desta invocação. Uma destas cópias veio às minhas mãos pelo artista em

2 - **Vaqueiros e Cantadores.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984.

3 - Pela data só pode ser Dom Viçoso, nome de uma cidade mineira, da Microrregião da Alta Mantiqueira. O outro bispo com o nome de Antônio só seria nomeado em 1877, D. Antônio Maria Correia de Sá e Benevides.

madeiras e confrade da Festa do Divino, Nelson Domingos de Abreu, que o conservava, herdado de duas falecidas senhoras octagenárias do citado bairro.

02 -ORAÇÃO À ESTRELA DO CÉU - 1869

A Estrella do Céu (Maria Santissima) que a seus peitos criou ao Senhor extinguiu a mortal peste que no mundo introduziu o primeiro pai dos humanos. Digne-se agora a mesma Estrella reprimir os influxos dos astros que por suas disposições malignas ferem o povo com pestíferas epidemias. Gloriosa Estrella do Mar, de sublimes louvores dignissima da peste nos defendei contra os enganos do mundo nos protegei. Medicina christã, aos sãos conservai: aos enfermos sarai; o que a humana força não pode, vossa graça nol-o conceda – Amem (Diga tres vezes o seguinte:) Ouvi nos ó Maria, porque vosso filho vos honra em nada vos negar. Salvai nos ó Messias, que por nós vos pede a santa Virgem Maria. Em todas as nossas tribulações e angustias. Soccorrei-nos ó purissima Virgem Maria.

* * *

Ó Deus de misericordia, Deus de piedade e Deus de indulgencia que compadecendo-vos da afflicção de vosso povo disses-tes ao anjo que o feria: Suspende a tua mão. Por amor daquella Estrella Gloriosa (vossa Mãe purissima) de cujos preciosos peitos recebeste o precioso licor milagroso contra-veneno dos nossos delictos; concedei-nos auxilio da vossa graça para que sejamos com certeza livres e misericordiosamente preservados de toda peste e improvisada morte e de todo o perigo de condemnação eterna, por vós Jesus Christo, Rei da Gloria que viveis e reinaes por todos os seculos dos seculos. – Amem.

Comentários:

Esta oração contra a peste acompanha o ABC supra, impressa no mesmo papel e assim submetida à mesma aprovação eclesiástica. A prece além de trazer em si um forte apelo mariano tem a característica de ser dirigida especificamente para afastar doenças contagiosas, numa época na qual não haviam vacinas, antibióticos, antiviróticos, antimicóticos e enfim, prevenção.

No século XIX e começo do XX, as condições sanitárias precárias ainda favoreciam que epidemias grassassem com vigor. Os homens recorriam às devoções. Tal reza é um exemplar desta natureza. Sobretudo porque as pestes sempre foram consideradas como castigo divino (segundo bases bíblicas), daí os pedidos de misericórdia presentes nesta súplica. Notar que supunham que a doença se alastrava devido a certas situações astrais, cujos “influxos (...) por suas disposições malignas ferem o povo com pestíferas epidemias”. Mas Maria, sendo tão belo astro (Estrela do Céu, Estrela do Mar) é invocada para desterrar tais castigos. É sabido que a Igreja usou de subterfúgios, para afastar dos fiéis as noções astrolátricas dos ancestrais tempos pagãos. Dar a Maria o título de estrela foi um deles. Em vez de se cultuar uma estrela propriamente dita, o sol ou a lua, venerava-se à Virgem, que tinha já um título que invocava um astro. Como figura de linguagem, ela própria é considerada um astro, luminoso e radiante, “revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés” (Ap 12, 1).

O aspecto gráfico desta oração encontra-se diagramado no interior de uma cruz vazada, de bordas onduladas, tendo na base dois degraus. Na verdade deve ser bem mais

antiga que a data apontada, posto ser conhecida pelas populações do interior mineiro a várias gerações.

03- FOLIA DE REIS - 1883

Logo após o dia 25 de Dezembro, em que a christandade comemora o nascimento do Menino Deus, na gruta de Belém, apparecem os bandos de tiradores de Reis, folia que traz a tradição dos Magos, que vieram do Oriente, guiado pela resplendente luz de uma peregrina estrella, e depositar offerendas aos pés do Messias, anunciado pelos prophetas e promettido ás nações.

As letras santas nada nos dizem acerca do genio e character dos trez coroados das plagas orientais; a regular, porem pelos bandos, que anualmente os representam andando de porta em porta a pedir pousada, eram elles rapazes folgasões, exigentes e dados á pandega.

Não é somente um grupo de tiradores de Reis; ha varias companhias e cada qual em seu genero: umas mais canalhocratas, outras de gente mais escolhida; porém todas, da familia do sr. Zé Povinho.

Logo ao anoutecer saem as folias á percorrer as ruas e a bater de porta em porta.

Nada os detem na sua peregrinação; quer á noite esteja esplenmdida, quer a impertinente chuva, como sempre acontece, caia molhando-lhes o costado; não ha obstaculo que lhes empeça a marcha.

Lá vem um dos taes bandos, acompanhemo-lo.

A parceirada é luzida, a comitiva e bando de musicos são numerosos e exquisitos os instrumentos que estes empunham; são elles um tambor, clarineta, viola, reque-reque, pandeiro e uma sanfona.

Na frente do bando caminha, brandindo uma varinha enfeitada de fitas, um mascarado, a que dão o nome de Bastião.

Apenas no limiar da porta da casa, que visitam, a muzica rompe a introduccção, em que mais sobresaem as pancadas no tambor e os sons agudos da esganiçada clarinetta.

O Bastião empertiga-se todo, sapatea meneando a varinha, corta jaca, soltando gritos de enthusiasmo e animação.

- Oh! diabo! Oh dannado! Branda fogo musgueiro! Viva rapaziada!

Então, dentre o grupo dos tiradores de Reis, quasi todos embuçados, como se tivessem vergonha de serem reconhecidos, com os chapéus desabados e puchados sobre os olhos, ouve-se a voz fanhosa e dasafinada do tirador mestre:

*Ó de casa nobre gente
escutae e ouvireis
que das partes do Oriente
são chegados os trez Reis.*

Á este solo segue-se o coro, verdadeiro berreiro, onde está a voz aguda dos meninos, misturada ao falsete e ao baixo dos marmanjos, produz um conjunto extravagante e insuportavel.

Terminado o introito por 3 pancadas do infallivel tambor, adianta-se o Bastião com uma bolsa, que apresenta ao dono da casa, recebendo o que este lhes quer dar: variando a offerta conforme a condição e generosidade do cavalheiro, a quem visitam.

Não são também muito exigentes os visitantes; tudo aceitam de cara alegre e tudo lhes serve; em falta de pratos recebem contentes uma nota de 500 réis, um nichel de 200 ou 100 Rs., uns cobres e até galinhas, leitões ou ovos.

Logo que a oferta é lançada na bolsa o tambor dá o signal do agradecimento, pandeiro e reque-reque, ouve-se o cantor:

*Deus vos pague pela esmola
Deus vos dê muito que dar,
no reino dos céos se veja
para lá ir descançar.*

Ou então:

*Deus vos pague pela offerta
que destes com alegria,
no reino dos céos se veja
aos pés da Santa Maria.*

Se a caza a que se dirigem é a de algum ricoço donde esperam boa gorgeta, é este o solo da apresentação:

*Bem sabemos que aqui mora
um grande homem de bem,
metta a mão em vossa bolsa
para nos dar um vintem.*

Os bandos de Reis são em geral bem recebidos, todas as casas se lhe abrem, moços, e velhos, raparigas e meninos correm ás portas e janelas para apreciarem e a applaudirem a folia.

Todavia, como toda a regra, ha excepção, nesta cordialidade e satisfação no acolhimento aos bandos.

Há certas casas que se fecham á approximação dos folgasões tiradores de Reis; ou por que se vexam de dar pequena esmola ou por que nada queiram finalmente.

_ Meninas, diz um velhote sistematico ás filhas que se acham á janella recolham-se que vem esses mariolas e eu não quero cantigas á porta.

_ Papae, deixe-nos ver os Reis... não precisa dar muito, basta meia pataca.

_ Meia pataca! Nem um vintém pilham-me elles... Não faltava mais nada, concorrer eu para depois si divertirem em cateretês!

_ Pois papae não tem medo que elles façam alguma?

_ O que hão de fazer?

_ Vingam-se cantando o “Esta casa fede á breu.”

_ Ora! que me importa isso?

Trancam-se todos, apagam as luzes e quando o bando rufa e canta do lado de fóra ninguem se move; porem, nem assim conseguem enganar aos foliões, que tomam a infallivel vingança, cantando desesperadamente:

*Esta casa fede á breu
mora aqui algum judeu...*

Ou variando de estribilho:

Esta casa fede á unto

aqui mora algum defunto...

Outro bando, o dos mais casquilhos leva charanga á frente, a musica rompe forte e marcial, á maneira de patriotadas, onde o hymno nacional tem sempre o primeiro lugar.

Em vez do Bastião, vae na frente um mocetão bem engravatado, empunhando uma salva de prata, e que, em sólo, canta depois de estripitosa introducção:

*Ó meu nobre cavalheiro
generoso, singular,
metta a mão em vossa bolsa
veja esmola p'ra nos dar.*

Por toda parte cruzam os bandos, e não raro se encontram, desafiam-se e ha grande rolo, sahindo alguns de nariz quebrado e costellas maltratadas.

Pelos arrabaldes da cidade, pelas fazendas correm tambem as folias de tiradores de Reis; - ahi porem não aguardam á noite - saem mesmo durante o dia.

Vão mascarados, formam danças; e quando o pouso é bom, ficam durante um dia e uma noite entretendo os donos da casa e comendo e bebendo.

Estes folguedos repetem-se todos os anos; apesar de já ir perdendo aquelle entusiasmo e casquilharia dos tempos idos.

Nos lembramos bem de vermos quando menino, esses bandos de Reis em que se apresentavam á cavallo os trez Magos, vestidos á phantasia, trajando roçagante manto, empunhando áureo sceptro e tendo a cabeça cingida de resplendente diadema, sobresaingido entre elles o rei “congo”.

Os bandos dão por terminada a sua jornada no dia 6 de janeiro, festa dos Reis dia santificado pela Igreja e destinado pelos foliões á grande e entusiasmado cateretê, cujas despezas correm por conta dos devotos, que deitaram seu obolo nas mãos dos piedosos peregrinos, que lhes foram cantar á porta.

S. João d'El-Rei, 1-1882 - Severiano de Rezende

Comentários:

Texto intitulado “Tiradores de Reis”, transcrito do folhetim do jornal “Arauto de Minas”, editado em São João del-Rei por Severiano Nunes Cardoso de Rezende, grande figurão da política local, que além de editor do hebdomadário, também assina esta crônica. Edição n.10 (ano 6), de 08/02/1883.

Tem um aspecto relevante pela extensão e conteúdo, quanto mais se considerar-se que foi editado num tempo que nenhum valor se dava a estas manifestações, tidas então como divertimento da ralé; tanto mais se for contado que figurou na primeira página de um jornal ligado ao Partido Conservador, escrito pelo coronel e potentado político. É um fato raro e notório. O folclorista Affonso Maria Furtado da Silva, da Comissão Fluminense de Folclore, sem dúvidas o maior especialista em devoções reiseiras do país, a quem dirigi cópia da desta crônica de Severiano de Rezende, reputou-a como um dos mais importantes textos para a história dos Reisados brasileiros, pela extensão, conteúdo e antiguidade.

O tom depreciativo do escrito é reflexo do pensamento da época sobre o folclore e não diminui o valor da crônica. Ninguém daquela época gostava de “perder tempo” escrevendo sobre o folclore. Ele existia. Só não o consideravam digno da imprensa.

O texto usa os seguintes termos designativos para as Folias de Reis: Bandos, Companhias, Comitivas, Folias e Tiradores de Reis. Distingue a existência de grupos

humildes e outros mais rebuscados. Atesta sua popularidade. A clarineta desapareceu das Folias desta região mineira (tal como a rabeça). Reco-reco e viola são raros hoje. Introduziram novos instrumentos: banjo, cavaquinho, machete, bandolim. Xique-xique é antigo e persiste. O adufe, raramente. O Palhaço continua a ser chamado Bastião por aqui. Alguns ainda levam a varinha enfeitada, ou bastão. Alguns Palhaços ainda sabem dançar o Corta-Jaca. Desapareceu o Maxixe de sua dança. Executam ainda o Fogado, a Chula e a Chulinha (ou Pururuquinha). De todos os versos citados neste texto, apenas o “Ó de casa...” ainda é conservado. Os outros desapareceram. Hoje em dia a esmola que cai na sacola do Bastião é só dele. A esmola da Folia é posta na bolsa do Bandeireiro e não se misturam jamais. O Cateretê ou Catira é uma dança que desapareceu de nossa região. O verso de descante “Essa cada fede a breu / aqui mora algum judeu...” , complementam assim em algumas versões: “... se não é o dono da casa / é algum parente seu...” Notar o ódio ao judeu como está explícito. Há outro descante assim: “O senhor dono da casa / é um grande cará-cará [espécie de gavião, ave de rapina] / esse barba de farelo / nada tem para nos dá...” Descante quer dizer que se retira a cortesia anteriormente cantada na chegada à casa. Quanto à salva de prata para colher espórtulas é mais ligada à tradição das Folias do Divino. Rei Congo: Baltazar, o negro. Não é aqui o Rei Congo das Congadas. É apenas uma analogia.

Notar a ausência de menção a São Sebastião, o que condiz com os depoimentos de nossos mais antigos foliões: outrora não cantavam para este santo nas Folias regionais, como hoje se faz.

04- CAVALHADA – 1884

Nos dias 1, 2, 3, e 4 de Junho se realizaram, no pittoresco arraial de Mattosinhos, arrabalde desta Cidade os festejos em honra ao Divino Espirito Santo.

Durante todos esses dias os trens da Oeste não cessavam dia e noite de transportar concurrentes á festa que esteve realmente boa.

Para mais de 5 mil pessoas durante esses dias atufava a praça e as poeticas chacaras do risonho povoado.

Illustres fazendeiros do Rio Novo vieram obsequiosamente dar esplendor a festa representando os antigos combates entre Mouros e Christãos.

Os palanques formando amphitheatro, ornado de galhardetes e bandeiras, estofos de variegadas côres, estavam cheios de gente.

As corridas se realizaram de modo a enthusiasmar os illustres lidadores, montados em soberbos corseis, manejando a lança, a espada ou o trabuco.

O soar das bandas de musica, unido ao troar dos fogos, vinha tambem concorrer para excitar o entusiasmo do povo, que não se cançou em applaudir aos cavalheiros e obsequia-los.

Deixam as cavalhadas uma epocha gravada, provocando sempre saudades.

Comentários:

O texto “Cavalhadas”, foi publicado pelo jornal “Arauto de Minas”, n.10, em 14/06/1884.⁴

O retorno deste antigo divertimento aristocrático à Festa do Divino, deveu-se aos esforços do então Imperador do Espírito Santo, Herculano de Assis Carvalho, que trouxe cavaleiros da Zona da Mata mineira (Rio Pomba e Rio Novo). Depois desta apresentação as Cavalhadas desapareceram de São João del-Rei. Na década de 1930 ainda existia em Prados. Também houve em Lagoa Dourada, onde um topônimo atesta sua presença nos tempos de antanho: Cruzeiro das Cavalhadas.

05- CONFRARIA DO ROSÁRIO – 1896

Em vista da proposta da Mesa Administrativa do SS. do Rosário desta cidade, o Exmo. e Revdm. Sr. Bispo, Vigário Capitular, mudou o nome de Rei e Rainha, com que se designavam as primeiras dignidades d’aquella corporação para o de Prior e de Prioriza, passando consequentemente a Sub-prior e Sub-prioriza o Provedor e Provedora.

Foi um dia o proprio Rei do Rosario!... O que dirá a isto o revdm. Poeta Corrêa de Almeida?

O notavel é que o irmão de cujas mãos cahiu o ceptro, nosso amigo severiano de Rezende, em quem extinguiu-se o Reinado, está constituindo o primeiro que goza do titulo de prior da confraria.

Pelo que não se pode dizer que foi Rei desthronado. É um redivivo! ...

Seja como for, approvamos a reforma; porquanto tal dignidade religiosa, que em tempos idos se justificava pela existencia do Reinado ou Congado --hoje uma excrescencia de significação intoleravel.

Comentários :

Fonte: jornal **O Resistente**, n.63, 04/09/1896, p.2, São João del-Rei.

A Confraria do Rosário é a mais antiga da cidade, fundada no remoto 1º de junho de 1708. A igreja que a sedia é também a mais velha das que ainda existem em São João del-Rei: 1719. O historiador Cintra informa que em 02/04/1866 “a Irmandade paga a Joaquim Francisco de Assis Pereira seis mil réis pela pintura da bandeira para o mastro. Todos os anos, por ocasião dos festejos do Natal, a Irmandade requeria à Câmara licença para o levantamento do mastro.”⁵

Anos depois tem-se notícia pelas páginas do jornal local Arauto de Minas (n.1, 08/03/1877) que o Rei daquele ano seria Domingos F. de Sampaio e o Provedor o Padre J.

4 - Também o jornal são-joanense **Gazeta Mineira**, deu importante cobertura desta Cavalhada. Outro importantíssimo registro foi feito pelo confrade Kleber do Sacramento Adão, acerca da presença desta manifestação na festa da Santíssima Trindade, na vizinha cidade de Tiradentes, em 1883: São João del-Rei: devoções e diversões na cidade “dos sinos e dos tambores”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v.10, 2002.

5 - CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. 2.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

G. Barbosa. É sintomático o controle eclesiástico sobre a confraria, pretendido com um sacerdote empossado no mais importante cargo administrativo.

O presente texto mostra outra situação da cultura popular em que esteve envolvido o figurão político Severiano de Resende. Este documento tem especial importância por revelar um momento de mudança na estrutura folclórica da festa do Rosário, em que, abolida a escravidão, os cargos honorários reais perderam o sentido pretendido pela Igreja. Havia nesse tempo uma espécie de repulsa às manifestações folclóricas, consideradas então índice atraso de uma cidade. Além disto parece que há um quê de racismo e discriminação nesta mudança. Notar a expressão de intolerância ao Congado, que se não fora desativado, ao menos se afastara desta igreja.

A situação se manteve assim por anos mas é certo que se reverteu, retornando os cargos reais e Congados. Informações orais dão conta que nas décadas de 1930-40 o grupo de Congo do Capitão João Lopes, sediado na Rua Maestro Batista Lopes (a tradicional Rua das Flores), disputando a primazia de ali festejar com outro Congo coetâneo, este do Capitão José Francisco, da Rua São João, Bairro Tijuco.

Extintos estes grupos de novo as portas estiveram fechadas para os Congados. Os grupos atuais festejam noutros locais. A Festa do Rosário do Centro das cidade não tem mais características folclóricas e se distanciou totalmente da cultura afro-brasileira. Persistem os cargos Rei e Rainha Perpétuos, Reis e Rainha de Honra. Estes últimos saem na procissão como meros figurantes levando a coroa na mão, sob o pretexto de que a verdadeira rainha é a Senhora do Rosário. É a total descaracterização do reinado folclórico.

06- FOLIA DE REIS – 1897

Passou hontem o sympathico dia de Santos Reis Magos, que foi celebrado com os tradccionaes “bandos de Reis” e mais, neste anno, com um bando novo do 16º batalhão de infantaria.

Vestidos mais ou menos a caracter homens e mulheres, precedidos de musica, entoavam em coro certos cantos combinados, executando danças curiosas que attrahiram a attenção e foram bastante applaudidos.

Percorreu esse bando algumas ruas, sendo mesmo convidado a entrar em algumas casas, onde foi obsequiado.

Constituiu essa festa uma novidade agradavel e bem recebida, de costumes extranhos e pittorescos.

Comentários:

Texto intitulado “Dia de Reis”, extraído do jornal “O Resistente” – n.72, 07/01/1897.

O historiador Sebastião de Oliveira Cintra⁶ esclarece que o referido batalhão viera de Pelotas / RS e rumava para Canudos / BA para participar da Guerra de Canudos. O comando da unidade militar estava sob os cuidados do Coronel Agostinho de Souza Menezes e desde junho do ano anterior seus soldados estavam em São João del-Rei, donde partiram em 31 de janeiro de 1897.

6 - CINTRA, *op.cit.*

Notar que já haviam aqui as Folias, mas esta se destacou pelo modo diferente de ser executada. Como de fato, conhecidas em todo o centro-sul do país e ainda no Pará, sob diferentes formas e nomes variam o modo de realizar conforme a região.

07- ZÉ PEREIRA – 1906, 1910, 1919, 1921, 1924, 1930

(1906:) *É hoje o 1º dia do tríduo carnavalesco, tríduo do Momo, o rei da folia e da festança. Desde Domingo passado que os prestitos do immortal Zé Pereira, tem se succedido, cada qual o mais chibante e apparatuso disputando a victoria pelo chic, e numero de socios, uns ostentando asseiadados carros, vistosos animaes e outros a pé, sempre em alegria cresente e animadora, fazendo crer que hoje e nos seguintes dias, proprios, mais se enthusiasmarão, honrando e homenageando o deus Momo. Os clubs até hoje organizado são 115, 109, 13 de Maio e do Calúbra. Eia, rapaziada! A alegria, a folgança!*

* * *

(1910:) *Nem ao menos o zabumbar de um Zé Pereira, animado tão comum em outras localidades de menos importancia, tivemos este anno. Em compensação, porém, o entrudo tocou as raias do exaggero: agua em abundancia, supplantando, quasi por completo, o jogo de confetti, sempre mais agradavel e divertido.*

* * *

(1919:) *É hoje domingo gordo (...) Há dias que corre pela nossa urbs um barulhento Zé-Pereira, organizado pelas bandas musicas “Baptista Lopes” e “Augusto Theodoro”.*

* * *

(1921:) *Os valentes carnavalescos, no dia 2 deste, já deram o panno de amostras com um retubante ZÉ PEREIRA com vários carros e puxado pela banda de musica do 11 Regimento uniformizada a character.*

* * *

(1924:) *O apreciado Clube X realizou quinta-feira um animado Zé Pereira, que percorreu as principaes ruas da cidade. A movimentada passeata saiu acompanhado de numerosos automoveis e precedido de bandas de clarins e de musica, um dos bellos carros allegoricos do carnaval do ano passado.*

* * *

(1930:) *Zé Pereira: a 31 do anno passado, effectuaram os sympathicos ranchos carnavalescos desta urbe, “Custa mas Vae” e “Zero”, uma passeata pelas ruas desta cidade em saudação ao povo sanjoanense.*

Comentários:

É seguinte a fonte das respectivas citações de jornais de São João del-Rei: “O Repórter” , n.4, 25/02/1906; “O Repórter”, n.96, 10/02/1910; “A Tribuna”, n.243, 02/03/1919; “S. João d’El-Rey”, n.43, 06/01/1921; “A Tribuna”, n.507, 06/01/1924; “A Tribuna”, n.1.006, 05/01/1930.

Desapareceu este bloco de nossa cidade. Reunindo fantasiados diversos, gente trajada de modo a imitar bichos, outros metidos em armações de bonecos gigantes. Ferviam diversos destes blocos pela cidade afora, guardando alguma rivalidade entre si e anunciando o carnaval, dias antes da grande festa do momo. Saíam também na passagem do ano novo.

O costume tem origem portuguesa e se estabeleceu segundo os estudiosos, primeiro no Rio de Janeiro. Rapidamente se espalhou pelo país, sobretudo no Sudeste.

Em 2000 desfilou um Zé Pereira, organizado em São João del-Rei pelo carnavalesco Quati (Benedito Reis de Almeida), hoje absorvido pelo seu bloco “Recordar é Viver”. Sobrevive em Ritópolis.

08- PASTORINHAS - 1909

(...) O dia de Reis é que tinha antigamente o seu pittoresco; havia os Reinados (sic) com pastorinhos e pastorinhas, e com os tres reis magos, vestidos de sêda, levando nas mãos as simbolicas offerendas. Todo o grupo seguia à noite pelas ruas, cantando desafinadamente, melancolicamente, ao ritmo vagaroso de passos arrastados, umas quadrinhas inexpressivas. Mas o reinado sobre ser uma festa de caracter religioso, era uma festa sem significação alguma.

Comentários:

Texto intitulado “O Natal” (fragmento), escrito por Thomé Glicério, do Rio de Janeiro, donde o enviou, datado do dia anterior ao da publicação, no jornal “O Repórter”, São João del-Rei, n.84, 23/12/1909.

Somente transcrevi o trecho que diz respeito às tradições reiseiras pois o restante do texto se ocupa em enlevar os valores natalinos religiosos e familiares, a importância da união em torno da natividade.

A palavra Reinado foi usada como sinônimo de Reisado, embora não seja este seu uso ideal, mais adequado às manifestações do Ciclo do Rosário (Congados, Maracatus, etc.).

Em São João del-Rei continuam as Pastorinhas a serem realizadas nas Águas Férreas (Tijuco). Nas cercanias resistem em São Tiago e Tiradentes. Em César de Pina há um grupo nos moldes nordestinos.

09-QUEIMA DE JUDAS - 1912

Como parte integrante das festividades da Semana Santa tivemos no sabbado d’Aleluia de assistir a queimação de Judas, o mercador pessimo, cuja acção negra será sempre rememorada.

A execução de Iscariotes teve as honras de ser anunciada por inumeras girandolas de foguetes e diversos morteiros que, de espaço a espaço, rebentavam no ar, como que convidando o povo a reunir-se e “prestar suas homenagens” ao discipulo traidor.

O sr. Irineu Cantelmo, que tem sido sempre o promotor dessa “festa”, de estar satisfeito pelo successo que alcançou este anno.

* * *

Fomos informados que não foi só o sr. Irineu Cantelmo o único promotor da “execução” do Judas, este anno, muito trabalhando tambem para a realização da popular “festa” o sr. tenente Luiz Gonzaga Dias.

Os fogos e morteiros queimados no sabbado d’Alleluia em homenagem ao “pobre discipulo” vieram da fabrica do sr. Nicolau Sinelli de Juiz de Fora.

Comentários:

Fonte: “O Repórter”, n.306, 11/04/1912 e n.307, 14/04/1912, respectivamente. O costume contudo era mais antigo⁷. Um jornal humorístico desta cidade, “O Grypho”, na edição n.24, de 25/04/1908, traz este diálogo de duplo sentido satirizando pessoas da época: “ - Bota o Judas para fora! Bota o Judas para fora! - Meus senhores, eu não posso sacrificar o Judas com um tempo destes ... /- Cala boca, burro!” (Etc.).

A Queima do Judas ainda é realizada na cidade e região, inclusive na zona rural, embora já um tanto simplificada e mais rarefeita. Mudou o dia, da Aleluia para o Domingo da Páscoa, sendo hoje rara no sábado. O afamado fogueteiro Nicolau Sinelli (ou Cineli, conforme aparece em certas citações) fornecia também fogos de artifício para a Festa do Divino nesta época.

10- CONGADO / FESTA DO ROSÁRIO - 1938

(...) O Arraial estava animadissimo. Gente de todo lado. Havia varios grupos, que eles chamam de ternos. Cada um se compõe de cerca de vinte homens de cor, uns já bem edosos, enfeitados de papel de seda, espelhos, fitas tricolores, toucas, outros com meias saias e trajés femininos, empunhando facas de páo, guizos, tambores, pandeiros, caixas, rufos, violas e recorecos. Cantam cousas alegres, numa toada plangente.

Bão, bão, bão,

Quem manda é o capitão.

Á frente do terno vae um estandarte com a efigie de Nossa Senhora do Rosario em cuja honra se faz a festa.

Há o capitão, que dirige o terno e o manobra, o general, os reis da festa, a rainha...

Musica agradável, bem ensaiada e certa. Destacavam-se bem bonitas.

Funerô, funeral

Capim que está no matto

Bambu e bambuzal

(... trecho ilegível. Os fragmentos permitem entrever que o assunto é o fogo de artifício e a vinda de devotos em carros de boi. Termina falando do mastro:).

(...) e mastro. Ao redor dele dansam os pretos numa alegria e num entusiasmo notavel.

Proteja o meu fadario

Senhora do Rosario.

É preciso aprecial-os com respeito, porque, segundo dizem, trazem consigo feitiços para aplical-os em quem os menos prezar.

Há dez annos, num districto de Campo Bello, vi os congadeiros abrirem pequenas caixas de couro que traziam comsigo e soltarem nuvens de marimbondos que escorraçavam os presentes, fazendo o effeito de gaz lacrimejante.

No meio da festa, os reis, rainhas e toda a fidalguia são conduzidos, sob pallios, á egreja do arraial, onde o senhor vigario lhes benzem as corôas, com toda a solennidade.

7 - Importante registro da Queima do Judas na vizinha cidade de Prados, séc. XIX, fornece Dario Cardoso Vale, referindo-se a um fato trágico ocorrido no Sábado de Aleluia de 1888. Cf.: **Memória Histórica de Prados**, Belo Horizonte: [s.n.], 1985.

Ás coroas grandes são de metal dourado e as pequenas de folhas de flandres, fazendo lembrar essas fôrmas com que se fazem doces.

Da igreja tôda a alta estirpe é novamente conduzida ás suas residencias, onde realizam cantos, dansas e comedorias.

O acompanhamento é sempre grande. Chapéos de chuva abertos, conforme a pragmática.

Houve tambem a procissão. Formando duas extensas alas e carregando os andores, comparecem os congadeiros.

Alguns capitães armados de espadas que serviram á nossa antiga Guarda Nacional, a briosa.

Quando os ternos se encontram, os capitães desembainham as espadas e cruzam-nas, numa cordial saudação.

Neste dia grandioso e memoravel para a vida de um arraial, a qualquer hora ouvese o canto plangente dos negros:

*A gallinha chora
Porque está na hora*

(... comenta a seguir que a festa acaba baixando-se o mastro, ritual que não assistiu.)

(...) Dom Helvecio, nosso respeitavel arcebispo, há tempos, em pastoral collectiva, recommendou aos sacerdotes de Minas Geraes, para que empreguem esforços no sentido de extinguir-se a Festa do Reinado.

Respeitosamente peço licença a sua reverendissima para dizer-lhe que não vejo motivo para isso. Nessa festa, ligada ás tradições do povo mineiro, de origem africana, nada há de imoral. Ella transcorre sempre na maior cordialidade e no mais doce ambiente de paz e respeito.

No Rio das Mortes, como em toda parte, no dia do Congado nada ocorre de anormal.

Pela sua excentricidade é talvez um modo espantoso dos pretos render graças a santa do Rosario. Homens simples, gente do campo, para festejarem a santa de sua devoção, não podem fazer discursos ou alexandrinos. Compõem versos toscos, mas que nascem do coração. Cantam alegremente ao rufo dos tambores, aos gemidos da samphona e da viola.

Comentários:

Texto assinado por Tancredo Braga, publicado em São João del-Rei, com o título de “Festa de Congado”, no jornal “O Correio”, n.602, 23/04/1938.

Notável exemplar de uma tradição ainda mais renegada que as demais, devido ao racismo, pois era a esse tempo exclusiva dos negros.

No Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, hoje persiste um bem preservado Terno de Congo, nas mãos do Capitão Dezinho (José Pedro Sobrinho). Atualmente apenas este grupo participa da Festa do Rosário naquela vila, mas o texto prova que outrora eram vários Congados. Houve também um grupo de Congo no vizinho povoado da Canela, do Capitão “Augusto da Maria Joana”.

Dom Helvécio Gomes de Oliveira foi o mesmo arcebispo que suspendeu a Festa do Divino nesta cidade, em 1924. O dito estava profundamente arraigado ao ideal romanizador

da Igreja e não poderia conceber o valor do folclore para o processo da evangelização e da formação social.